

Cortejos fúnebres em Uberlândia, nos meados do século XX: entre inovações e tradições na experiência urbana

Renato Rodrigues Farofa¹

DOI: 10.14393/CPCDHIS-v29n1-2016-11

Resumo: Apresentamos as transcrições de quatro crônicas que se reportam às novidades e às permanências da cidade de Uberlândia, nas décadas de 1930 e 1940, no que dizia respeito ao uso de carros e de carroças nos cortejos fúnebres, como símbolos da dicotomia entre o atraso e a modernidade. Esse material está disponível no Arquivo Público Municipal de Uberlândia que conta com vasto acervo na hemeroteca, contando com periódicos do final do século XIX. Entre estes, estão alguns jornais como *A Tribuna*, que teve publicações de 1919 até 1942, e o *Correio de Uberlândia*, da sua primeira edição em 1938 até a presente data. Na primeira parte do texto apresentamos as transcrições na íntegra e na sequência do trabalho um breve comentário acerca das fontes.

Nas crônicas que seguem transcritas, em nenhuma delas, temos a assinatura do autor. O máximo que as fontes nos indicam são os diretores dos jornais. Dessa forma, se não foram escritas pelos próprios diretores, ao menos os textos impressos eram de responsabilidade dos mesmos. Sendo assim, é possível atribuir os relatos de cortejos transcritos de *A Tribuna* a Agenor Paes e do *Correio de Uberlândia* a Ari de Oliveira. Agenor Paes era o proprietário em conjunto da família Rodrigues da Cunha que figurou no executivo por vários mandatos e Ari de Oliveira trabalhava para um grupo de cotistas ligados à UDN -União Democrática Nacional, entre eles: João Naves de Ávila, Nicomedes Alves dos Santos e Alexandrino Garcia.

Sobre trechos de jornais transcritos ficam evidenciadas tradições, desejos e inovações com relação aos atos fúnebres. No sepultamento do Major Tobias Ignácio de Souza, o destaque para os automóveis é notório. Já no sepultamento de Justino Mateus de Melo, o trânsito de carroças é alvo de destaque pelos jornalistas, não somente pela homenagem, como também por não acompanhar as tendências modernas em evidência nos discursos sobre a cidade.

¹ Mestre em História Social pelo Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Uberlândia. E-mail: renatofarofa@yahoo.com.br

Em Uberlândia, nas décadas de 1930 e 1940, a relação com o fato fúnebre sofreu modificações, mesmo com todas as tradições que envolviam a morte e o luto. Somente para citar dois exemplos de mudanças que afetaram tradições envoltas nos rituais fúnebres, menciono a criação de um cemitério aproximadamente de 2,5 Km do centro da cidade e o modelo de necrópole espelhado na cidade bela, cidade jardim. Os dois casos afetaram o tradicional cortejo que, até o final de 1928, era caracterizado por um curto trajeto (pouco mais de 700 metros) entre o local das solenidades de despedida até o espaço de enterramento e, o no caso do embelezamento das necrópoles, passa a haver cada vez mais a preocupação com suntuosas sepulturas para o novo espaço cemiterial.

Sobre os cortejos, agora nem tanto pelo seu trajeto, mas pela forma de condução, a década de 1930 apresentou inovações na cidade de Uberlândia. O recém inaugurado cemitério, atual São Pedro, na geografia do período localizava-se no “final da cidade”, na década de 1940. Aliado a isto a denominada Avenida da Saudade, atual Paes Leme, não dispunha de pavimentação e arborização, ou seja, o trajeto além de possuir um aclive acentuado, no período de seca era bastante empoeirado e o sol castigava quem participasse do cortejo, e na época de chuvas o trecho além do córrego Cajubá, hoje Avenida Getúlio Vargas, tornava-se, segundo crônicas, quase intransitável.

A novidade neste período é o uso de autos para o cortejo. Refiro-me como algo novo, em razão, até onde as fontes permitem ir, de que na década de 1920, ou seja, quando os enterramentos eram realizados somente no Cemitério Municipal inaugurado em 1898, os periódicos não citam a presença de carros, apenas de cortejo. Em compensação, os carros são a tônica dos suntuosos cortejos e sepultamentos após a inauguração do novo espaço cemiterial em Uberlândia.

O cortejo, além de cumprir com os ritos religiosos, estava de acordo com as condições sociais da família do morto. A importância e impacto social de enterros que passam a ser medidos pelo número de automóveis que seguem em direção ao cemitério. Essa condição social ocorre seguidas vezes nas páginas de *A Tribuna*, na década em que Uberlândia se projeta como cidade jardim, cidade progresso. Exemplo disso foram os funerais do Cel. Teófilo Carneiro e do Major Tobias Ignácio de Souza.

O cortejo com grande número de carros, ou pelo menos assim enumerados pelos cronistas, permitia um enterro diferente do habitual. O ato de sepultar era, dessa forma,

transformado em um evento simbólico e, especialmente o morto e o nome de sua família, o destaque social. Esse modelo de funeral carregava consigo uma ideia de distinção dos indivíduos também no morrer. Associada a essa distinção estava a ostentação no cortejo, que reforçava as hierarquias sociais já estabelecidas.

Além de todas essas questões envolvendo o status e a ostentação no cortejo, o uso de carros ou carretas também estava associado ao modelo que se desejava para a Uberlândia de pouco mais de 42.000 habitantes do final da década de 1930 e início da década de 1940. Uma dinâmica social baseada na simetria, limpeza, velocidade e progresso não abria espaço para as carroças, os animais e carroceiros que já estavam proibidos de circular desde o fim da década de 1930 no centro da urbe.

Ainda com todas as proibições e pressão por parte de setor da imprensa relativas aos veículos de tração animal na cidade, é importante ressaltar que esse modelo de transporte não deixou de existir. Considerando que o ofício de carroceiro permanece até hoje, ainda em grandes centros urbanos, na Uberlândia das décadas de 1930 e 1940, esse era um trabalho que tinha um grande número de profissionais.

Em Uberlândia, as carroças continuaram a realizar cortejos e a manter essa tradição. Conforme crônicas transcritas a seguir, a primeira atendendo a um desejo do finado Justino Mateus de Melo, o cortejo de carroças atravessou a cidade da Vila Operária até o Cemitério Municipal, no período dois extremos da cidade, passando pelo centro, chamando a atenção no cotidiano da população.

No outro relato que apresenta resistências ao modelo imposto pelas elites locais é o cortejo da esposa de João Rosalino Gonzaga. A falecida, cujo cronista nem o nome menciona, que só é importante como esposa de quem é, tratando-se de mulher pobre, envolveu em seu féretro um número bem maior de carroceiros, cerca de duzentas carroças. Se na visão das autoridades e dos cronistas a carroça era um veículo tosco e dissonante com o progresso, o fato de existir na cidade de Uberlândia um sindicato de carroceiros indica a importância, bem como a presença em grande número, das carroças na década de 1940. Isso confirma o número de profissionais deste ramo a afrontar as autoridades locais, sobretudo por se tratar da permanência de um cortejo conduzido por tração animal.

As notícias transcritas demonstram o quanto as tradições persistiam, mesmo em meio a mudanças tidas como ideais dentro do modelo de uma nova urbe. Considerando que as

resistências sempre existem, o fato de os carroceiros atravessarem as ruas da cidade demonstra o quanto o poder público tinha sua força limitada diante de algo tão significativo e respeitoso quanto um cortejo fúnebre. Além disso, as carroças aqui distinguem outra coisa: primeiro o ofício e segundo o respeito ao morto. Elas, as carroças, não estavam preparadas, na percepção de quem observou, para as homenagens fúnebres costumeiras, daí o “estranho cortejo”.

As mudanças, como veremos, foram promovidas para destacar um modelo de cortejo em uma nova projeção de cidade. Mas, as velhas formas de transporte usadas para enterramentos continuaram a ser utilizadas em meados dos anos 1940. A cidade nova tinha de conviver com aqueles que não se encaixavam no modelo proposto para a urbe dos vivos e no tradicional cortejo dos mortos.

Transcrição a partir dos documentos originais:

Correio de Uberlândia, 10/09/1942:

A população da zona central da cidade, em toda a extensão das suas principais avenidas, movimentou-se na manhã de ontem em um desusado impulso de curiosidade, que, desde logo, se espalhou celeremente. Embora se tratasse de um caso triste, não faltou quem levasse o acontecimento pelo lado jocoso, atribuindo-o, desde logo, à falta dos carburantes. O FATO. Cerca das sete e meia horas de ontem, desciam pela Avenida Floriano Peixoto sessenta e três carroças em desfile, cada uma delas conduzindo numerosas pessoas. A frente do cortejo fúnebre, em demanda do Cemitério Municipal. E foi aí que a irreverência pública glosou o fato – embora triste – não faltando quem atribuísse a família do morto intenções de [trecho ilegível] o racionamento ou, na melhor de hipóteses, de não se ver, por ele prejudicada. Outros, mais irreverentes, afirmavam que se tratava de um piquenique, embora á frente estivesse o caixão mortuário. UM DESEJO MANIFESTADO EM VIDA. Para satisfazer á curiosidade geral, ante aquele féretro sui generis, a nossa reportagem se pôs, desde logo, em serviço e, daí a pouco, ficava ciente do ocorrido. Tratava-se do enterramento do carroceiro Justino Mateus de Melo, de 35 anos, solteiro, filho do casal Antônio Mateus e Leopoldina Rosa Mateus, residente á Av. Cesário Alvim 1672, na Vila Operária, nesta cidade, sendo natural da cidade paulista de Franca. Há poucos dias, o carroceiro Justino, em uma conversa em casa de sua família, manifestará o desejo de, ter o seu caixão conduzido ao cemitério por uma carroça. Anteontem tendo falecido vítima de uma síncope cardíaca, a sua genitora, d. Leopoldina, lembrou-se do seu desejo e, como não houvesse privilégio de empresas funerárias da cidade, resolveu-se a conduzir o caixão mortuário do filho em uma carroça, como este o desejará, para a sua última morada. O CORTEJO. E, si bem o pensou, ela o pôs imediatamente em prática e, depois de por em ordem os papéis mortuários e de encomendar o caixão, deu daquilo ciência ás pessoas amigas. Sabedores do caso, todos os colegas do carroceiro Justino resolveram-se à acompanhá-

*lo á sua última morada, levando em seus veículos de trabalho, as suas respectivas famílias. E foi por isso que, ontem pela manhã se verificou o estranho cortejo, rumo ao Cemitério Municipal.*²

Correio de Uberlândia, 20/02/1944:

*Na azafama de todo instante, quando a cidade apresentava no seu aspecto cotidiano os rumores de suas atividades de todo o dia, uma nota diferente e singular alterou aquela mesmice envolvendo sua população numa curiosidade comovedora. Era o rodar estrepitoso de cerca de duzentas carroças acompanhando o coche da esposa de um carroceiro, á sua derradeira morada. Simples, humana e tocante homenagens de homens simples e humildes, que nos seus toscos veículos prestavam àquela que foi companheira dileta e amantíssima de um dos seus companheiros. Entrementes, á vista do curioso desfile, os pedestres desocupados ou não, comovidos pela edificante homenagem dos carroceiros de Uberlândia, descobriram-se á passagem do esquife, transparecendo na fisionomia grave e respeitosa visíveis sinais de emoção e tristeza. A cidade inteira sentiu e louvou a grandeza simples daquele enterro e compreendeu melhor o coração bem formado e sincero daqueles homens anônimos, que possuem reservas admiráveis de sentimentos puros e de solidariedade humana pela dor alheia. A morte, que foi acompanhada de centenas de carroças pelos amigos de seu marido, era esposa do carroceiro João Rosalino Gonzaga, fiscal do sindicato dos carroceiros e pessoa largamente benquista em nosso meio, falecida no dia de ontem. O prefeito Vasconcelos Costa fez-se representar no enterro, na pessoa do sr. João Bernardes de Souza.*³

A Tribuna, 15/04/1936:

Cortejo Fúnebre - Pode-se dizer que Uberlândia ainda não havia presenciado um espetáculo mais comovedor do que o cortejo fúnebre do enterramento daquele que soube cumprir na terra sua missão. Foi compreendendo perfeitamente isso que a culta sociedade uberlandense, para a qual tanto trabalhou o major Tobias com todos aqueles que ele familiarmente chefiou, compareceu aos seus funerais, realizados as primeiras horas, do dia 14, no qual vimos representações de todos os credos e classes, rendendo as qualidades do exemplarismo chefe de família extinto a sua derradeira homenagem.... Todos os autos que acompanharam o cortejo iam cheios, não tendo os mesmos comportado o número de pessoas que desejavam acompanhar até a sua derradeira morada o saudoso uberlandense. O féretro foi retirado às 9 e 20 minutos da casa da residência da família Ignácio de Souza, sendo carregado até a Igreja pelos circunstantes, formando se até a Matriz uma verdadeira procissão. Os ofícios religiosos couberam ao rymo. Cônego Albino de Figueiredo e seu coadjutor, sendo até a Matriz o corpo acompanhado por s. ryma. No Largo da Matriz o número de automóveis cresceu três vezes mais, pois devido a rua Barão de Camargos ser muito estreita diversos particulares deixaram ali seus os seus carros. O desfile - No desfile foram contados 81 automóveis, todos repletos, o que

² 10/09/1942. Desejou um cortejo de carroças para levá-lo á última morada. Curioso desfile funerário através da cidade. **Correio de Uberlândia**. Autor desconhecido. Diário independente dirigido por Ari de Oliveira. Ano 05, n° 998, p.1. Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

³ 20/02/1944. Uma nota comovedora e curiosa na vida da cidade! Cerca de 200 carroças alteraram a mesmice das ruas, conduzindo os restos mortais da esposa de um carroceiro. **Correio de Uberlândia**. Autor desconhecido. Diário independente dirigido por Ari de Oliveira. Ano 08, n° 1362, p.4. Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

*equivale dizer que compareceram ao enterramento 500 pessoas, exceto as que foram a pé esperar o extinto na praça do cemitério.*⁴

A Tribuna, 15/03/1931:

*O velório foi revezado por amigos da família e parentes, tendo sido armada a camara ardente na sala de visita da casa em que residiu 26 anos esse saudoso uberlandense. 52 automoveis, apesar do mau tempo que ameaçava, acompanharam seu enterro, vendo-se ai, todas as pessoas de representação desta cidade, inclusive altas autoridades. O féretro foi retirado da camara ardente pelos seus filhos Clarimundo, Alberto, Geraldino e José, tendo antes se oferecido para pegarem na alça do caixão, o exmo. Sr. Dr. Arnaldo de Moura, digno juiz de direito desta comarca, cel. Adolpho Fonseca, Custodio da Costa Pereira e o diretor desta folha. Eram 18 horas e 10 minutos quando o cortejo deixou a praça da Independencia, em direção ao cemitério, dando a volta pela avenida Afonso Pena.*⁵

Recebido em 29 de agosto de 2016.

Aprovado em 02 de setembro de 2016.

⁴ 15/04/1936. *O falecimento do Major Tobias Ignácio de Souza. A Tribuna.* Autor desconhecido. Diretor Proprietário Agenor Paes. Ano 19, n° 992, p.4. Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

⁵ 15/03/1931. *Cel. Teófilo Carneiro. A Tribuna.* Autor desconhecido. Diretor Proprietário Agenor Paes. Ano 13, n° 540, p.1. Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

